

LAURA IMAI MESSINA

A ILHA ONDE BATEM OS CORAÇÕES

Uma amizade inesperada e uma viagem
a uma remota e mágica ilha japonesa.
Bem-vindos a Shinzō-on no Ākaibu.



ADVERTÊNCIA

Para a transcrição de palavras japonesas, utilizou-se o sistema Hepburn, segundo o qual as vogais se leem como em português e as consoantes como em inglês. Assinala-se ainda que:

ch é uma africada surda, como o *t* na pronúncia do português do Brasil de *tia*

g é velar, como o *g* no italiano *galáxia*

h é aspirado

j é uma africada sonora, como o *d* na pronúncia do português do Brasil de *dia*

s é surda, como no português *silêncio*

sh é uma fricativa, como o *x* no português *xaile*

u precedido de *s* e *ts* (*su* e *tsu*) é quase mudo e surdo

w pronuncia-se como um *u* rápido

y é consonântico e pronuncia-se como a vogal *i* portuguesa

z é suave como o *s* no português *silva*

Manteve-se o sinal diacrónico nas palavras que sofrem alongamento.

Todos os termos passaram para o masculino, em português.

Segundo a convenção japonesa, o apelido precede o nome.

No Sudoeste do Japão, numa extensão de mar partilhada entre duas províncias, Kagawa e Okayama, situa-se uma ilhota a que se chega apenas por mar, de qualquer ponto do mundo: Teshima.

Partindo da capital, é preciso apanhar um avião, depois um barco, um autocarro e, por fim, executar uma série de passos de ligação entre todos os transbordos.

Na ponta oriental da ilha, num lugar afastado da vida, surge um pequeno edifício com uma grande janela que dá para o mar. Encontram-se ali catalogados os batimentos do coração de dezenas de milhares de pessoas, algumas vivas, outras já transformadas em sombras, provenientes dos locais mais díspares do planeta.

*Chama-se Shinzō-on no Ākaibu,
o Arquivo dos Batimentos do Coração.*

Primeira Parte

ばくばく *baku baku*

«As mentiras compõem a vida e tornam-na mais bela. Desde que ninguém saiba a verdade, isso deixa de ser muito importante.»

CHRISTIAN BOLTANSKI

Teshima, outono 豊島 秋

— Estás a ouvir? — pergunta a criança, voltando-se para o adulto. No momento exato em que a pergunta é feita, o homem tem quarenta anos e as válvulas do seu coração abriram-se e fecharam-se cerca de mil quatrocentos e setenta milhões de vezes. Há trezentos e trinta e três dias que recomeçou a chamar as coisas pelos nomes, importa-se de novo com o mundo onde irá terminar a sua existência, com quem ganhará as eleições no Japão, com o tempo que os seres humanos levarão a encher o mar de plástico.

Voltou a ter medo de morrer.

— Estás a ouvir? — repete a criança. E é como uma súplica, porque, se um adulto também o sentir, significa que é real.

— Ainda não.

É logo depois de terem saído do caminho que serpenteia por entre pequenas casas feitas de madeira e de chapas de ferro, quando a paisagem de Teshima se divide em dois e, à direita e à esquerda, se abrem arrozais verdes; é nesse ponto que o ar começa a vibrar com mais força.

A criança não repete a pergunta, mas observa intensamente o adulto.

Desta vez, o homem anui. Agora ouve.

Para conter a emoção, verga-se sobre os joelhos, pondo-se à altura do rapazito minúsculo que tem diante de si, imóvel como um Moisés a separar as ondas.

Se antes não sentiam nada, agora há apenas aquele rumor. *Pum-pum, bam-bam, doki doki, sump-ump*. A colina parece vibrar completamente ao seu ritmo.

A criança apoia a palma da mão no peito, fecha os olhos.

Doef-doef, bum-bum, tu-tump.

— Estamos perto.

Esta ilha é um coração. Contraí-se sob o batimento irregular das ondas. As marés prolongam a pulsação, de vez em quando perdem uma ou duas. Mas depois recuperam sempre.

Nos meses que antecedem este dia, o adulto e a criança aprenderam que as coisas mais caras aos seres humanos, uma música especial, a realização de um filme, um som determinado, ecoam o ritmo interior da sua própria mente. Chamam-lhe *frequência 1/f*, a mesma que regula o batimento cardíaco das pessoas. Algo que parece contínuo, mas na verdade é ligeiramente inconstante.

A criança baixa-se até ao solo, encosta o ouvido ao chão, entre os arrozais.

O homem deixa-a à vontade: lembra-se de súbito de quando tinha seis anos e se deitou por terra para compreender o ponto de vista das formigas. A sensação aparente de não deixar vestígios. Tudo deveria partir — pensava — daquela forma de olhar para as coisas, de baixo. A seu lado, a mãe também lhe permite fazê-lo. «Temos de compreender o maior número de seres vivos para nos compreendermos a nós próprios, mesmo os que mais diferem de nós», dizia sempre, e ele, para desafiar a verdade daquela afirmação, justificava todas as suas ações estranhas afirmando que queria compreender. O adulto recorda agora que nesse lugar, exatamente no meio da cidade, sentiu pela primeira vez uma vertigem forte, quase uma confirmação da rotação incessante do planeta, que normalmente lhe parecia imóvel.

É a mesma sensação que o rapazinho experimenta agora, só que ele sente o ar pulsar.

O miúdo volta a pôr-se de pé:

— Tenho fome. Posso comer?

— Sim, claro.

O adulto tira dois *onigiri* da mochila.

Sentam-se à beira dos arrozais.

Depois de um número impreciso de ressonâncias sentidas no ar, o ritmo interrompe-se. Segue-se um longo momento de silêncio e depois recomeça.

É um estafeta: um coração a ceder a palavra a outro.

Corre o mês de outubro. Os campos cantam o verão que, em dois dias de inesperado calor outonal, parece regressar para ir ao encontro do Sudoeste do Japão. Enganou as libélulas, que voltaram a voar; em Teshima, algumas cigarras, também elas ludibriadas pelas temperaturas, escarvaram a terra, aflorando à superfície.

Por toda a parte, a criança ajoelha-se e enfia as pontas dos dedos nos orifícios no solo.

— Falta muito pouco. O mapa assinala poucas centenas de metros em linha reta.

— É ali? — pergunta a criança, apontando com o dedo indicador.

— Sim, vamos.

O adulto ainda não sabe o que irá encontrar *realmente* para lá da colina. Desconfia de alguma coisa, mas, na verdade, não sabe nada. Do mesmo modo que nada sabemos do tempo enquanto o vivemos. A criança também não sabe nada, mas está habituada a não compreender. Em compensação, apaixonou-se mais facilmente — por aquela viagem repentina, pelo afeto do adulto, pela ideia de que o som do coração das pessoas tem um lugar no mundo —, e basta isso para a fazer feliz.

Trepam pelo caminho íngreme que conduz ao santuário Karato Hachiman e depois viram à direita, tal como o mapa indica; afastam as ramagens com os braços. O mar fica à esquerda.

À medida que se aproximam do Arquivo, o som dos batimentos torna-se mais forte.

O adulto e a criança pousam os pés com a cautela de quem sabe que, por baixo de si, há um solo cheio de minas: ambos têm a impressão de caminhar na orla de um engenho pronto a explodir.

*

— Está ali — exclama o adulto mal avista, entre o azul-turquesa do céu e o branco cru da areia, um edifício baixo e quadrado, de cedro-preto. Parece uma peça de *Lego* esquecida na praia.

É então que o ritmo muda de novo no ar, começando a vibrar com uma pulsação que o homem não reconhece.

Quando empurram a porta do Arquivo, o adulto experimenta a sensação intensa de que todo o caminho, todo o tempo investido a enfrentar-se naqueles trezentos e trinta e três dias e todos os anos imediatamente anteriores, passados a evitar-se a si próprio, o conduziram àquele ponto.

Nunca o saberá, mas, no momento preciso em que acena levemente com a cabeça para o rapaz de bata branca que os recebe, à entrada, expande-se no ar o ritmo de um coração que em tempos conhecia perfeitamente.

1

Os seus cinco anos não contavam para nada.

Shūichi agarrava o guiador com a firme certeza de estar prestes a lançar-se numa grande aventura. A evasão da vigilância da mãe fora planeada com uma precisão tal que, se a mulher houvesse percebido, teria captado claramente a inteligência extraordinária do filho e, acima de tudo, a atenção excepcional com que a estudava.

Os cinco anos de Shūichi pesavam no selim de uma bicicleta vermelha sem pedais. E ele tinha apenas um objetivo: fazer disparar o coração.

Viviam em Kamakura, no ponto mais alto da subida que ligava, num túnel de origem misteriosa, o bairro de Ōachi e o de Komachi. Alguns chamavam-lhe Túnel da Concubina, porque, segundo uma lenda, um proprietário o mandara escavar para se encontrar com a amante, do outro lado da montanha; outros falavam de um refúgio antiaéreo explorado pelo Exército japonês para aparelhos de comunicação, durante a Segunda Guerra Mundial.

A subida que conduzia ao túnel apresentava-se inesperadamente, nas duas vertentes, de tal forma íngreme que quem, por engano, se aventurasse nela dava consigo sem fôlego a meio do caminho. Sem uma bicicleta elétrica, era impraticável pedalar, e muitas vezes as crianças da região desafiavam-se para ver que tangerina (ou bola) chegava primeiro, ao fim do declive. Um aluno do secundário que ali brincara durante a infância pusera-se a calcular a energia gravitacional, o alcance, o aumento e a redução da velocidade, tendo em conta

o corpo envolvido, se partia de uma posição imóvel ou se era lançado com uma mão (no caso, da altura de largada): concluía que era maravilhoso não saber nada do assunto e, mesmo assim, ter brincado àquele jogo.

A competição dos miúdos decorria, porém, apenas de um dos lados do túnel; o outro permanecia de acesso proibido, fosse porque descrevia imediatamente uma curva, primeiro para a esquerda e depois para a direita, fosse porque, logo à entrada, se divisavam as sepulturas do pequeno cemitério escavado entre as costelas da montanha.

Dizia-se que, nas noites de verão, os espíritos dos mortos se transformavam em flâmulas e, de dia, assumiam a forma de nuvens de borboletas.

Shūichi tinha a idade certa para ter medo de fantasmas, mas não o sentia. O único receio que o dominava era o de que o seu coração, de um momento para o outro, se pudesse despedaçar.

Quando nascera, tinham-lhe diagnosticado um sopro no coração, uma leve arritmia. A música que a mãe ouvia, concentrada, todas as manhãs e todas as noites, exasperava-o, como se do seu pequeno peito, através de um auscultador de metal e de duas olivas, florescesse sabe-se lá que profecia.

Não lhe era permitido desafiar os comboios com uma corrida nem podia andar nas atrações, em Yokohama. Também não frequentava os festivais de verão por causa da agitação geral e dos grandes rufos dos tambores.

— Isto é o teu coração — explicara-lhe dezenas de vezes a mãe, enquanto desenhava a sua forma a lápis, numa folha de papel —, e isto é o buraquinho que, se correres demasiado ou te cansares, se irá alargar e rasgar o tecido todo.

Sempre que lho explicava, a mãe tirava uma folha de papel nova da secretária. Parecia que tinham de voltar a percorrer juntos a origem dos factos para que ele tivesse medo.

E agora era exatamente por esse motivo que Shūichi comprimia o guiador, antes de se precipitar pela descida.

Queria fazer a coisa mais perigosa do mundo e ver o que acontecia a seguir.

Bastou-lhe pressentir os passos da mãe, a voz a chamá-lo.

O grito que lançou mal viu o perfil do filho na bicicleta deu o sinal de partida.

— Shūichi!!!

Deu um impulso decidido com as perninhas e levantou-as, abrindo-as em V. O céu pareceu-lhe muito próximo.

Enquanto descia a uma velocidade desconhecida, o menino imaginou transformar-se numa seta, aquela, gigantesca, que vira suspensa no Ano Novo por baixo do teto do santuário Tsurugaoka Hachiman-gū. Tenho pelo menos cinco vezes a altura da mãe!

— Shūichi, pára! Shūichi!!!!!!

Trinta e cinco anos depois, Shūichi recordava com precisão o dia do acidente. Tinha acima de tudo presente o retumbar ensurdecedor do seu coração.

Contudo, apesar de se lembrar da sensação de atravessar o ar enquanto descia, as mãozinhas no guidador, a parte da frente de um carro branco que o evitara por um triz, a dor fortíssima no braço e no ombro — partidos contra um muro baixo como a asa de um passarinho que tenta voar demasiado cedo — e, depois, o sangue nos joelhos e o dente partido, que, durante dois anos, lhe desconchavara o sorriso, apesar de ser capaz de reconstituir cada segmento desse dia, a mãe negou sempre que tivesse acontecido.

— Provavelmente imaginaste-o.

Shūichi obteve a mesma resposta quando o seu belíssimo álbum de desenho caiu ao rio Nameri, naquela vez em que o pai, acometido por um acesso de ira, lhe destruiu o arco; quando o terremoto esmagou o gato sob um mar de ferramentas e até durante a trágica viagem a Kahoshima, quando se esqueceram do Urso Loretto no comboio.

Shūichi relembrava à mãe as memórias dolorosas, os acidentes, os longos choros dos quais retivera o sofrimento de criança, mas ela recusava-os, taxativamente. O ursinho ficara em casa enquanto eles tinham estado fora e, na verdade, ao regressarem, lá estava ele, em cima da cama, plácido e ainda mais asseado; o álbum de desenho ainda deve estar algures no quarto dele, escondido; e o arco? Estava no alpendre, são e salvo!

— Compraste outros iguais, uns dias mais tarde — acusava-a Shūichi, mas, na verdade, o gato nunca mais fora visto.

— Deve ter-se assustado com o terremoto. Aquele gato adorava vadiar. Deve ter ido viver para outro lado.

No entanto, Shūichi jurava ter-lhe visto o corpo desfeito sob as ferramentas, na arrecadação, a mãe a chorar, levando-o em peso para a cozinha. A ligar a televisão, a abraçá-lo e depois, às escondidas, a limpar tudo.

— Mas eu vi-o — dizia, irritado. — Vi-te a enterrá-lo no jardim.

— Tu vês sempre coisas incríveis, Shūichi. Foi graças a esse dom que se tornaste aquilo que és.

A placidez com que negava as coisas desconcertava-o. Como era possível que Shūichi nunca tivesse chorado, que o amor lhe tivesse sido devolvido de cada vez que o tinha dado? Parecia um milagre, o mundo, enquanto fora criança.

— Então e todas estas cicatrizes no ombro e nos joelhos?

— Já te disse. Acho que as arranjaste depois de cresceres. Mas não sei como se passou. Já vivias sozinho.

— Mas eu lembro-me perfeitamente de me ter lançado de bicicleta, de ter batido contra o muro, de ter evitado o carro por um triz...

— Deves ter sonhado — interrompia-o. — Em criança, gostavas de plantas, de *onigiri* com sal, de livros ilustrados. Passavas horas a desenhar paisagens e janelas.

À terceira negação, normalmente Shūichi não insistia. Mas voltava a tentar, de vez em quando, sem conseguir, no fundo, desistir. A última vez que perguntou à mãe acerca do acidente de bicicleta, tinha trinta e oito anos, ela setenta e cinco. Nada feito. Nesse dia também lhe sorriu, paciente, dizendo:

— Sossega, Shūichi. Viveste uma infância maravilhosa. Acumula-te tanta felicidade que te sobrou até para a vida adulta.

*

Depois, acontecera o que acontecera, e nesse momento todos concordaram que a felicidade era algo que, durante algum tempo, não havia motivos para evocar.

*A velocidade a que o coração de Shūichi
batia ao descer (ou ao imaginar descer)
de bicicleta a partir da entrada do túnel*

O coração de um menino de cinco anos bate entre 75 e 115 vezes por minuto. O de um idoso abranda até às 60 pulsações. Se se viver o suficiente, o coração completará um percurso de três mil milhões de batimentos.

Quando parar, terá tocado uma música com setenta ou oitenta anos de duração, e ninguém a terá ouvido atentamente. Isso só terá acontecido em alguns momentos específicos, durante uma consulta médica, depois de uma corrida, depois do amor. Ou então nas raras ocasiões em que se experimenta a necessidade desesperada e irracional de saber que tudo está bem e se poussa a mão sobre o coração.

No auge do esforço, ao descer, o coração de Shūichi poderia ter chegado aos 180 batimentos por minuto. Contudo, se o menino tivesse permanecido no seu quartinho, abraçado ao Urso Loretto e imaginado intensamente fazê-lo, poderia ter alcançado o mesmo ritmo.

O miúdo que nesse dia *talvez* tenha evitado um carro por um triz e que *talvez* tenha esbarrado contra o muro baixo de uma moradia tinha agora quarenta anos e percorria o caminho ao contrário.

Era outono, e montículos de folhas rodopiavam dos lados do Túnel da Concubina.

Das hipóteses que partiam da única certeza de ter tido cinco anos e de ter possuído um coração e uma bicicleta, desenvolvera-se uma existência inicialmente tranquila, que, depois dos trinta, se complicara bastante. Shūichi atribuía a tortuosidade da sua vida adulta à sua brandura. Aceitara entrosar-se no mundo, apaixonara-se por uma mulher, havia pronunciado muitíssimos sins com uma levianidade surpreendente.

Aos quarenta anos, ainda não sabia bem se deveria considerar esse tempo um erro ou uma sorte que acontece apenas uma vez na vida.

Shūichi chegou à sua casa de infância sem fôlego e com o coração a palpitar-lhe mais depressa no peito. Reparou que o pequeno portão estava encostado e perguntou-se se, naquelas três semanas de abandono, algum animal selvagem se teria porventura introduzido no jardim.

Experimentou uma breve mágoa ao verificar que nunca lhe acontecera chegar à soleira da porta sem que a mãe o precedesse de um «bem-vindo» gritado de dentro.

Só quando inseriu a chave na fechadura descartou a hipótese do animal. Alguém devia tê-la forçado, e a chave partira-se.



O episódio da fechadura foi resolvido num dia.

Shūichi chamou a polícia municipal, tendo apresentado queixa.

A sensação de intrusão deixou-o, porém, perturbado. Quem poderia ter tentado introduzir-se lá em casa? E, sobretudo, quem teria a chave? Que soubesse, havia apenas duas cópias, a que dera à vizinha e a sua.

Desde o funeral da mãe, haviam decorrido três semanas. Shūichi aproveitara esse tempo para reformular rapidamente o mapa em que fixava os afetos, os hábitos, as obrigações laborais, e, depois de três anos passados em Tōkyō, regressara a Kamakura. Queria remodelar a casa de infância e depois vendê-la ou arrendá-la.

Sabia que a única maneira de se desfazer dos objetos era pôr-se no lugar de alguém que não conhecesse a casa. Não ter memória tornava os indivíduos mais determinados e capazes.

Contratou uma pessoa para o ajudar, não porque sozinho não fosse capaz, mas porque ter alguém desconhecido por perto enquanto desfazia a casa o ajudava a olhar para ela com imparcialidade.

Foi extenuante. Nas divisões, havia milhares, dezenas de milhares de coisas. A fé da mãe nos objetos deixava-o perplexo. Parecia que confiara completamente neles para transmitir uma imagem mais favorável da sua vida.

Shūichi começou por acumular tudo o que o recordasse do quotidiano: as provisões de alimentos, os detergentes, as toalhas, os medicamentos. Desembaraçou-se também de bens essenciais, convencido de que, se deles fizesse exceção, já não conseguiria deitar fora mais nada. Reuniu os pertences da mãe e fechou-os dentro de grandes caixas numeradas. Depositou-as de seguida na garagem; quanto ao carro, parado há anos, vendeu-o.

Em dois dias, com a ajuda do biscateiro, arrancou o papel de parede de todas as divisões: o cheiro a maçã madura que lhe perfumara as recordações de infância atenuou-se. Passou de seguida

à remodelação da casa de banho e da cozinha, substituiu as tábuas do *tatami*, mandou trocar o *parquet* e instalou estores novos. Todos os dias pareciam bons para mudar a casa de ares, para se desfazer definitivamente do supérfluo e da memória. Mas, a cada dia que passava, o trabalho não tinha fim.

Pareceu-lhe uma vez ver a mãe. Certa tarde, encontrou-a na cozinha, perto dos cinquenta anos, novamente a braços com um tacho onde todos os anos preparava as ameixas *umeboshi*; uma noite, já velha, a encostar-se à parede do corredor, a caminho da casa de banho; por último, no jardim, num verão em que era muito nova e o empurrava no balouço que tinha montado sozinha, com cordas e uma tábua de madeira, no ramo do carvalho.

Nesses momentos de nostalgia, Shūichi agarrava no seu álbum, sentava-se no alpendre e desenhava-a exatamente como a via. Sorriente, sempre inexplicavelmente tranquila.

Quando outros teriam tirado uma fotografia, ele confiava sempre no lápis e, acima de tudo, na sua capacidade de ver aquilo que em tempos existira e que agora já não estava ali.

Nesses dias, ao subir e descer a estrada do Túnel da Concubina, Shūichi teve a impressão de que alguém o estava a espiar. Virou-se algumas vezes, mas não viu ninguém.

Depois, num domingo, duas semanas após a sua chegada, passou pelo cemitério e, de longe, esquadrinhou a casa. Como se a visse pela primeira vez, achou-a, de modo geral, em bom estado, mas ainda demasiado familiar. Pintar de novo as paredes exteriores, pensou, poderia ser uma ideia. Só então se deu conta do que estava realmente a tentar fazer: a transformar a casa, a distanciá-la de si a ponto de conseguir libertar-se dela.

Foi nesse momento que reparou numa sombra diante da porta.

Deteve-se. Seguiu com o olhar a figura que deambulava à volta da casa. Espreitava para dentro das janelas pelo lado de fora, parecia procurar uma entrada.

Shūichi não fez nada. Aproximou-se apenas o suficiente para perceber que a sombra era de um menino, e que aquele menino conhecia muitíssimo bem a casa.

Quando o viu sair da garagem com o velho regador da mãe e atravessar o túnel em passo rápido com um saco cheio de livros e bugigangas, recomeçou a subir.

Espreitou para dentro do túnel, olhando bem lá para o fundo, mas o menino tinha desaparecido.

Quando era pequeno, Shūichi descia de madrugada até ao mar, com a prancha de *surf* presa no gancho lateral da bicicleta, o monte Fuji a perfilar-se à direita, para lá do promontório de Inamuragasaki. Parecia-lhe uma montanha parida pelo mar, todas as manhãs. Só conseguia descrever a emoção de entrar com a prancha na água com aquela montanha imensa diante de si ao reconhecer que não encontrava palavras para o fazer.

Mesmo quando já era crescido, quando se mudou para Tōkyō, nos fins de semana em que nada tinha para fazer, regressava a Kamakura e passava o sábado e o domingo a andar por templos, a sentar-se na praia e a desenhar. De vez em quando, pegava na bicicleta e pedalava até à ilha de Enoshima, trepava até ao cimo e perdia-se entre o cicio dos turistas e o horizonte.

No regresso, a mãe esperava-o no jardim, com a mesma apreensão da infância, quando lhe auscultava o coração.

— Como estava o mar hoje? — perguntava-lhe. Depois, agarrava-lhe o pulso e tentava saber se porventura não estaria sem fôlego.

— Sim, mas é da subida — respondia ele de cada uma das vezes, e de cada uma das vezes ela não parecia convencida.

Aos dezoito anos, Shūichi entrou numa universidade de Belas-Artes em Tōkyō. Para evitar pagar a renda de um apartamento, fazia o caminho de ida e volta de Kamakura, mas àquela hora o comboio não o incomodava. Sair da estação no regresso e ver as montanhas azuis compensava-o pela viagem.

Apesar de continuarem a morar na mesma casa, os horários de cada um deles faziam que Shūichi e a mãe só raramente se encontrassem. De tempos a tempos, tinham, porém, tentado renovar os seus rituais: os pequenos-almoços pareciam almoços, as conversas noite dentro decorriam no *kotatsu*, o chá de *yuzu*, para esconjurar dores de garganta inexistentes. O afeto, semeado com um cuidado minucioso no início, crescera e com os anos dera origem a uma abundância tal de flores e frutos que já não exigia qualquer esforço especial.

Shūichi devia-lhe imenso. Devia-lhe acima de tudo o trabalho que lhe enchia os dias de cor, a carreira de desenhador. A mãe soubera valorizar o olhar desvairado de Shūichi, que, desde criança, transformava gatos em mensageiros secretos, as janelas em entradas mágicas e os insetos que apareciam, contentes, no verão, em invasores de outros planetas. Acreditava nele, mesmo quando nada sugeria que o merecesse.

Desde o seu desaparecimento, algo em Shūichi se apagara. Não o teria sabido explicar por palavras, mas a corda que o mantinha ligado ao mundo despertara um derradeiro nó.

A mãe fora uma mulher alegre. Dificilmente recordava nela irritação, dissolvida no medo constante de que algo pudesse acontecer a Shūichi. Quando sofria, tornava-se, porém, impudica. Aquando da morte inesperada do marido, quinze anos antes, mantivera vestido o mesmo *kimono* fúnebre durante uma semana, sem sequer ir despejar o lixo no contentor. Quando, dias depois, Shūichi passara por lá para a ver, sentira o fedor desde a entrada. Cascas de banana e leite: a mãe não comera mais nada desde a manhã do funeral.

Porém, aquilo que recordava dela era sobretudo a confiança imerecida que oferecia a qualquer pessoa. Quando não encontrava qualidades positivas, inventava-as. Desde criança, mostrou a Shūichi que havia sempre uma maneira de gostar das pessoas. Não, não ignorava as culpas, mas não carregava o peso de palavras desagradáveis.

— Pensa só como já devem sofrer por estar consigo próprias!

Mesmo ao comentar as notícias mais atrozes, a mãe explicava-lhe que era possível condenar as pessoas à prisão sem ter forçosamente de as odiar. Foi um alívio para Shūichi descobrir que também se podia respeitar quem errava.

Esse ensinamento, mais do que qualquer outro, transformá-lo-ia profundamente.

Assim, agora, voltando a pensar no pequeno ladrão, Shūichi foi acometido, mais do que pela irritação, pela curiosidade de saber por que raio precisava uma criança de um velho regador, do avental sujo da mãe e de um copo lascado.

Descobrira muito rapidamente que aquele furto se repetia todas as tardes, quando o miúdo voltava da escola e ele acabara de sair.

doki doki

— Quero morrer aqui — murmurara o rapazinho mais velho.

— Porquê aqui? — perguntara o miúdo mais pequeno. Estava sentado ao seu lado, na margem do rio.

— Porque aqui sei o nome de todas as coisas.

— Todas?

— Sim, todas. Se perguntar à minha avó o nome de um inseto, ela sabe sempre. Até sabe como se faz um ninho de andorinhas ou porque há buracos nas bolotas.

— E porque é que há buracos nas bolotas?

— Porque lá dentro vivem larvas. Chamam-se *zōmushi*, insetos-elefantes, porque têm uma tromba muito comprida, tal como um elefante.

O rapazinho mais velho levantara-se e tirara do bolso uma mão-cheia de bolotas.

— Também sei quais são os melhores sítios aqui em volta para as apanhar. — Estendera-lhe uma toda esburacada. Depois, voltara a sussurrar: — Quero morrer aqui, decididamente.

O miúdo mais novo ficara em silêncio, a observar a bolota.

— Assim, depois, um dia, quando renascer como Buda e me transformar numa pedra, numa bolota ou numa larva, saberei como me orientar. Voltarei sempre a encontrar o caminho de casa porque, aqui em volta, sei o nome de todas as coisas.

Dissera-o exatamente assim: saberei orientar-me, renascerei como bolota ou larva. Ou teria dito esquilo e folha? O miúdo mais novo terá querido objetar alguma coisa, como, por exemplo, que,

se tivessem mesmo de se transformar em alguma coisa, não seria melhor, assim como assim, tornarem-se super-heróis, dinossauros ou então insetos? E se fosse realmente preciso meterem-se em algum sítio, ele teria gostado de renascer ali, no buraco minúsculo ao lado da maçaneta da porta do seu quarto, que ele mesmo abrisse, às escondidas, com os dentes de um garfo.



No Sudoeste do Japão, situa-se a pequena ilha de Teshima, um local remoto onde se encontra um edifício no qual estão catalogados os batimentos do coração de dezenas de milhares de pessoas.

Shūichi, um conhecido ilustrador de quarenta anos, com uma cicatriz marcada no peito, acaba de regressar à sua casa de infância numa cidade banhada pelo mar e rodeada de montanhas. Quando pensava estar sozinho com as suas memórias, Shūichi apercebe-se de uma misteriosa criança a rondar a casa. Kenta, um menino de oito anos que vive aventuras prodigiosas em absoluta solidão.

Com o passar dos dias, entre o ilustrador e o menino forma-se uma inesperada e extraordinária amizade que acabará por mudar as suas vidas para sempre. E que os levará a um lugar que bate ao ritmo do coração, falado em todas as línguas do mundo.

A ilha onde batem os corações é uma história sobre perda e esperança, dor e alegria, realidade e imaginação, e a promessa de cura e superação, graças às relações que construímos e redescobrimos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

 [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN 9789897870408



9 789897 870408 >